UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS (UNIFAL-MG)
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Departamento de Letras
Docente: Taíse Simioni
Disciplina: Linguística II
Discente: Júlia Brazuna de Souza

O que é o gerativismo?

A teoria gerativista é uma corrente de estudo da língua criada pelo linguista Noam Chomsky nos Estados Unidos, no final da década de 50. Para ser mais precisa, o primeiro livro de Chomsky, que é considerado o nascimento da linguística gerativista, foi publicado em 1957. Porém, houve modificações e evoluções na teoria.

Chomsky tinha como objetivo elaborar um modelo teórico formal capaz de descrever e explicar o que é e como funciona a linguagem humana, inspirando-se na racionalidade da matemática.

O gerativismo foi criado como uma contraproposta para o principal modelo da época, o behaviorismo. Essa teoria via a linguagem humana como um condicionamento social, uma resposta produzida devido a estímulos repetidos das interações. A resposta, posteriormente, devido à repetição, tornaria-se hábitos do ser humano. Sendo assim, o ser humano não seria capaz de criar frases novas ou algo que o falante nunca ouviu antes, algo que Chomsky reforça que é extremamente possível.

Para Chomsky, a capacidade humana de falar e entender uma língua é dependente de uma capacidade inata ao indivíduo, ou seja, uma capacidade com que o ser humano já nasce. Essa capacidade, que constitui a competência linguística dos falantes, é chamada de *Faculdade da Linguagem.*

A teoria gerativista procurou descrever o que é essa *Faculdade da Linguagem*, como ela funciona e como é possível que ela seja geneticamente determinada se no mundo existem diversas línguas que não estão conectadas. Como não era possível estudar todas as línguas do mundo, foram feitas hipóteses sobre essa faculdade e as diversas línguas, procurando explicar o funcionamento da linguagem na mente das pessoas e propondo analisar a linguagem humana de uma forma matemática e formal.

Como dito anteriormente, o gerativismo sofreu modificações; uma delas foi o desenvolvimento e diversas reformulações da *Gramática Transformacional* nas décadas de 60 e 70. O objetivo era descrever como os constituintes das sentenças eram formados e como podiam ser transformados em outros, seguindo regras. Esse sistema de regras, a gramática, era o que o falante assimilava como o conhecimento linguístico, e deveria ser descrito e explicado pelo gerativismo. Os pesquisadores criaram regras transformacionais, regras para uma transformação formar uma estrutura nova (Estrutura Superficial) a partir de uma outra já existente (Estrutura Profunda). Na década de 90, essa ideia foi abandonada e colocada em seu lugar uma outra visão para a derivação das estruturas.

Outro questionamento dos cientistas gerativistas era como é possível que os falantes tenham intuições sobre as estruturas sintáticas que produzem e ouvem, sem o estudo da gramática normativa. Frases normais na língua são chamadas de frase *gramatical*, e aquelas frases que não são normais na língua, como “que lugar ela conhece um animal nasceu?”, são chamadas de frase *agramatical*.

O conhecimento linguístico inconsciente e interno das regras que regem a formação das frases é chamado de *competência linguística*, não é algo relacionado ao comportamento que o indivíduo tem com a linguagem. O comportamento e o uso concreto da língua é chamado de *desempenho linguístico,* que envolve diversas habilidades não linguísticas, como atenção, memória, emoção, nível de estresse etc.

Outro desenvolvimento da teoria foi o desenvolvimento da hipótese da *Gramática Universal* (GU), um conjunto das propriedades gramaticais comuns compartilhadas por todas as línguas naturais e as diferenças entre elas. Para um melhor entendimento foi criada a teoria de *Princípios* e *Parâmetros*. Os princípios são válidos para todas as línguas naturais, e o parâmetro deve ser entendido como as possibilidades de (existir ou não) variação entre as línguas. Um princípio da GU, por exemplo, é que todas as frases possuem um sujeito, então todas as línguas naturais possuem sujeito; enquanto um exemplo de parâmetro seria a possibilidade de existir o sujeito nulo nas línguas. No português existe essa possibilidade de sujeito nulo [+ sujeito nulo], enquanto, no inglês, não existe a possibilidade do sujeito nulo [- sujeito nulo]:

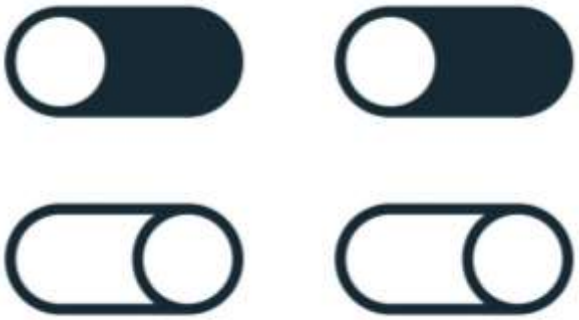
João disse que ele vai vender sua casa (ele - sujeito preenchido)

João disse que Ø vai vender sua casa (Ø - sujeito nulo)

She went home (she - sujeito preenchido)

*Ø went home (Ø - sujeito nulo - agramatical)

Alguns pesquisadores utilizam a analogia dos interruptores. Nascemos com diversos interruptores e, ao ouvir/aprender/descobrir a língua, nossa mente seleciona quais interruptores estão configurados para a nossa língua, sendo ligados [+] ou desligados [-].



Após essa breve análise da teoria gerativista, conseguimos perceber como o principal objetivo era compreender e descrever a linguagem humana dentro da mente de forma racional, formal e abstrata, sempre com a inspiração matemática, ao categorizar diversos aspectos das línguas.